Tom 4 - pg - 259 M 2 827

13
1267
N

A S. ANDRÉ AVELLINO

OFFERECE

O SERMAÕ,

Que no ſeu dia 10 de Novembro de 1732.

PRÉGOU

NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA DIVINA Providencia

D. JOSEPH BARBOSA,

CLERIGO REGULAR.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,
Impreſſor da Academia Real.

M. DCC. XXXIII.

Com todas as licenças neceſſarias.

L 2833

2|S108

LA
18
5

LA
252.02
B2385a

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

A VOS, *meu glorioſo Avellino, dedico eſte Sermaõ, porque ſó a vós me pareceo, que de juſtiça o devia dedicar. Naõ he eſ- o eſtylo do Mundo, porque ſempre ſe coſtuma procu-*

3/9102

procurar algum Patrono, ou grande pelos lugares, ou grande pelo naſcimento, que ſaõ os dous pólos da dependencia humana: mas renunciando agora os coſtumes, e as introducçoens do Mundo, recorro a vós, offerecendovos eſte pequeno fruto do meu eſtudo, para que ſirva de emenda aos que ſaõ mentiroſos, e de cautela aos que o podem ſer. Hum Sermaõ, em que ſe reprehende hum vicio, de que todos ſaõ reos, naõ era razaõ que ſe dedicaſſe ſenaõ a vós, que ſentiſtes amargamente o proferir huma ſó vez huma mentira cortezãa. Arrependeſtevos de ſorte daquelle deſcuido ſem conſequencias, que na grandeza do premio vejo o merecimento da voſſa dor. Choraſtes ter dito huma leve mentira, e deſejo fervoroſamente, que vos imitem todos os que as dizem, naõ ſó porque com ellas ſe perturba a paz das conſciencias, ſe eſtraga a caridade Chriſtãa, e degeneraõ algumas vezes em conſequencias de difficultoſa reſtituiçaõ, ſenaõ tambem porque temo, meu Santo, que ſejaõ elles como hum Conego de certa Cathedral, que admoeſtado pelos ſeus amigos, e parentes, (fallo primeiro nos amigos, porque muitas vezes ſaõ mais uteis, que os parentes) que reformaſſe a vida, e que emendaſſe os eſcandalos, que a todos dava com as ſuas acçoens, reſpondeo, que queria viver

neſte

neſte Mundo à ſua vontade, porque no outro ninguem ſabia o como eſtava. Naõ ſerá juſto, que ſucceda iſto aos obſtinados em mentir; e já que ſois Santo, pedi a Deos, que aos réos de huma culpa taõ commua, taõ recebida, e taõ aceita, lhes mude de ſorte os coraçoens, que ſe vejaõ taõ differentes, que ſe naõ ouça mais que a verdade pura, ſyncera, e innocente. He eſte Sermaõ huma invectiva contra o vicio da mentira, e como o devia eu dedicar a ham homem, que naõ pareceſſe, que lhe fazia huma ſatyra? Inventou a cortezania as Dedicatorias pera liſongear aos dedicados; e naõ ſey, que haja liſonja, que naõ participe, ou que naõ ſeja huma mentira disfarçada, e tudo parece bem ao amor proprio, que he taõ louco, que tudo cre, e taõ facil, que a tudo ſe perſuade. Além diſto, cá no Mundo ſaõ tantos os tratamentos, como as jerarchias: ha Santidade, ha Eminencia, ha Illuſtriſſima, ha Mageſtade, ha Alteza, ha Excellencia, ha Senhoria, e ha Merce; mas eſta já ninguem a quer, ſenaõ as que fazem os Reys. Queira Deos, que a Santidade deſte Mundo ſe veja premiada no outro; que à Eminencia correſpondaõ as virtudes; que a Illuſtriſſima reſplandeça com as boas obras; que a Mageſtade mereça

reça a Coroa; que a Alteza ſe exalte no Ceo, que a Excellencia a dem as acçoens; que a Senhoria ſeja merecida pela vitoria das paixoens; e que conſigaõ todos o beneficio da eternidade. Lá neſſa Corte Divina, em que ſempre haveis de ſer Grande, (que felicidade, naõ o havendo naſcido no Mundo!) eſtaõ os Henriques do Imperio, os Luizes de França, os Duartes de Inglaterra, os Canutos de Dinamarca, os Eſtevaons de Hungria, os Caſimiros de Polonia, as Thereſas de Leaõ, as Iſabeis de Portugal, e de Hungria, as Margaridas de Eſcocia, e as Heduviges de Polonia, ſublimados todos ao mayor gráo de grandeza ſem o titulo de Mageſtade. Lá eſtaõ os Wencesláos, Duques de Bohemia, os Guilhelmos, Duques de Aquitania, e os Leopoldos Marquezes de Auſtria, ſem o titulo de Excellencia. Lá eſtaõ os Hilarios de Poictiers, os Chryſoſtomos de Conſtantinopla, os Athanaſios de Alexandria, os Baſilios de Ceſaréa, os Paulinos de Nola, os Agoſtinhos de Hypponia, os Dionyſios de Pariz, os Anſelmos de Cantuaria, os Remigios de Reims, os Martinhos de Tours, os Nicoláos de Mira, os Ignacios de Anthiochia, os Sales de Genebra, os Policarpos de Smirna, os Thomazes de Va-

lença,

lença, os Januarios de Benevento, os Antonios de Florença, os Apollinarios de Ravena, os Ambroſios de Milaõ, os Gregorios de Nazianzo, e os Stanisláos de Cracovia. Lá eſtaõ os Purpurados, Boaventura, Raymundo Nonnato, e Carlos Borromeo; e lá eſtaõ os Vigarios de Chriſto, Linos, Marcellos, Gregorios, Leoens, Pios, Sylverios, Celeſtinos, Xiſtos, Cornelios, Marcos, Sylveſtres, Damaſos, e Clementes, todos eternamente bemaventurados com a felicidade da gloria, ſem os titulos de Illuſtriſſima, de Eminencia, e da Santidade terrena; mas todos igualmente ſatisfeitos, e premiados com o tratamento de vós. Aſſim lhes fallamos, aſſim os invocamos, aſſim nos valemos do ſeu patrocinio; aſſim nos ouvem, aſſim nos attendem, e aſſim nos deſpachaõ. A vós recorro, meu prodigioſo Avellino, pedindovos com toda a humildade, me queirais alcançar de Deos aquelle verdadeiro eſpirito, com que o devo ſervir, e amar, pera que guardando exactamente os ſeus preceitos, favorecido com a voſſa interceſſaõ, mereça participar da Bemaventurança, que poſſuis, e pera que foy creado eſte

Voſſo indigniſſimo irmaõ

D. JOSEPH BARBOSA,
Clerigo Regular.

5/5108

LICENCAS.

Do Santo Officio.

Cenſura do Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Manoel Coelho, Preſentado na Sagrada Theologia, e Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

MAndame V. Eminencia ler o Sermaõ de Santo André Avellino, que no ſeu dia prégou na Igreja de Noſſa Senhora da Divina Providencia o Reverendiſſimo Padre D. Joſeph Barboſa, Clerigo Regular, filho daquelle grande Pay, que tendo da pobreza taõ amante, até quiz, que foſſem pobres em pedir os ſeus filhos, o Senhor S. Caetano. Conſtello, Eminentiſſimo Senhor, que li com toda a attençaõ eſte Sermaõ; naõ porque temeſſe encontrar nelle couſa alguma, que cenſurar; mas ſim, porque tendo as obras, que andaõ impreſſas do meſmo Author, taõ merecida a admiraçaõ, neſta, em que lia o ſeu nome, ſe fazia emulo da attençaõ de o ler, o deſejo de o comparar: mas o certo he, que todas as obras deſſe inſigne Meſtre ſaõ como aquella Eſtatua, que formaraõ os Gregos, para dar a entender o complemento da perfeiçaõ, que lograva a ſua grande literatura. Compunha-ſe a Eſtatua, de Mercurio, Deos da eloquencia, e de Minerva, Deoſa da Sabedoria; porque conheceo o elevado da ſua diſcriçaõ, que he muito neceſſaria em os Oradores a uniaõ deſtas duas preexcelſas qualidades.

Aqui parece attendia o grande Padre Santo Agoſtinho, quando dizia: Admiravelmente prega quem o exercita com Sabedoria; porém mais aproveita, o que adorna a Sabedoria com a elegancia: *Qui non ſolùm ſapienter, verùm etiam eleganter vult dicere, quoniam perfecto plus poterit, ſi utrumque potuerit.* Que ſingularmente deſempenha o Reverendiſſimo Padre Meſtre D. Joſeph Barboſa, neſte Sermaõ, o penſamento, com que a Aguia dos Doutores enſinou eſta maxima! de tal ſorte unio a ſubtileza com que diſcorreo, à elegancia com que fallou, que dando lugar para a admiraçaõ, roubou os meyos para ſe imitar; e ſendo aſſim, ſe faz digno da licença que pede, pois naõ contém couſa alguma contra os dogmas da Fé, ou bons coſtumes. V. Eminencia mandará o que for ſervido. S. Domingos de Liſboa, aos 18. de Dezembro de 1732. *Fr. Manoel Coelho.*

Cenſura

61S102

Cenſura do Reverendiſſimo Padre Meſtre Fr. Thomás de S. Joſeph, Religioſo, e Diffinidor actual da Sagrada Ordem da Santiſſima Trindade, Preſentado, e Leitor de Theologia, e Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

MAndame V. Eminencia ver o Sermaõ, que na Feſta de Santo André Avellino prégou na Igreja de Noſſa Senhora da Divina Providencia o Reverendiſſimo Padre Meſtre D. Joſeph Barboſa, Clerigo Regular. Confeſſo, que o li com attençaõ, naõ ſó por ſatisfazer ao preceito de Voſſa Eminencia, mas tambem para me acabar de perſuadir, ſe era bem fundada, e verdadeira a opiniaõ, que tem adquirido as obras deſte eloquentiſſimo Orador, lembrado do que eſcreveo Cicero 1. de Natur. 61 *Non opinione ſolùm, ſed etiam ad veritatem vellim planè perſuaderi*; e achey, que deſte ſapientiſſimo Padre ſe póde dizer, o que Salamaõ diſſe à Rainha Sabá; que ſaõ mayores as prendas de ſua ſabedoria, e eloquencia, do que as que delle publica a fama: *Maior eſt ſapientia, & opera tua, quàm rumor, quem audivi.* 3. Reg. 1. Porque com tal erudiçaõ, eloquencia, e clareza diſcorre neſte doutiſſimo Panegyrico, que naõ ſó moſtra ao ſeu prodigioſo Avellino Santo perfeito por amante extremoſo da verdade; mas tambem enſina a fugir hum racional da mais leve mentira, ainda cortezãa, e politica; e como toda a Cenſura, que fizeſſe deſte Sermaõ, por mais que foſſe approvaçaõ ſincera, havia de parecer menos verdadeira, e naõ conforme ao juizo, e conceito, que formo da excellencia deſta obra; para que de alguma ſorte me accommode com o ſeu aſſumpto, e naõ pareça falto à pura verdade, com que devo fallar a V. Eminencia, tendo ſó o temor de offendella por diminuto, naõ por encarecido; reveſtido agora da mayor ingenuidade, que poſſo, ſó digo a V. Eminencia, que eſte Sermaõ he digniſſimo de ſe imprimir, pois naõ tem couſa, que ſe opponha à noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, antes delle póde hum Catholico tirar documentos para ſer virtuoſo, e fugir dos vicios. Eſte he o meu parecer. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental 15. de Janeiro de 1733.

Fr. Thomás de S. Joſeph.

VIſtas as informaçoens, póde-ſe imprimir o Sermaõ de que ſe trata; e depois de impreſſo, tornará para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 16. de Janeiro de 1733.

Fr. R. Alencaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Soares. Do

Do Ordinario.

Pode-se imprimir o Sermaõ de que se trata, e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental, 23. de Fevereiro de 1733.

Gouvea.

Do Paço.

Approvaçaõ do Reverendissimo Padre Mestre Fr. Henrique de Santo Antonio, Lente Jubilado na Sagrada Theologia, Exgeral da Religiaõ de S. Paulo primeiro Eremita, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Consultor da Bulla da Cruzada.

SENHOR.

POr ordem de V. Magestade li o Sermaõ, que na solemnidade do glorioso Santo André Avellino prégou o Padre D. Joseph Barbosa, Clerigo Regular, Examinador das Ordens Militares, e Chronista da Sereníssima Casa de Bragança. Todo o empenho deste elegantissimo Orador foy ponderar no presente assumpto aquella dor excessiva, que penetrou o coraçaõ do seu Santo, por manchar em certa occasiaõ, posto que em materia leve, o cristal da verdade com a sombra de huma mentira: e se por este motivo o considera superior aos outros homens, sem delles participar mais, que a semelhança, eu tambem à vista da grande efficacia, com que discorre, condemna, e abomina este mesmo vicio, naõ menos prejudicial à consciencia, que indecoroso à reputaçaõ, julgo este insigne Prégador taõ elevado sobre os mais, que perdendo a semelhança delles, parece entre todos singular; e para que o meu respeito naõ degenere em adulaçaõ, que pareça mentirosa, passo, Senhor, a dizer huma verdade, a qual he, que este admiravel Sermaõ naõ contém ponto algum repugnante às leys, e Real serviço de V. Magestade, que mandará o que for servido. Lisboa Occidental, Convento do Santissimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita, 4. de Março de 1733.

Fr. Henrique de Santo Antonio.

Que

7/5102

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, e taixar, que ſem iſſo naõ correrá. Lisboa Occidental 6. de Março de 1733.

Pereira. Teixeira. Rego.

VIſto eſtar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental, 16. de Outubro de 1733.

Fr.R.Alencaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

VIſto eſtar conforme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental, 20. de Outubro de 1733.

Gouvea.

QUe poſſa correr, viſtas as licenças do Ordinario, e Santo Officio. Lisboa Occidental, 11. de Outubro de 1733.

Pereira. Rego.

Et vos ſimiles hominibus.
S. Lucas no cap. 12.

SACRAMENTADO MYSTERIO
da eterna verdade.

COMO he delicada, e eſcrupuloſa a virtude naquellas almas, que perfeitamente a praticaõ! Já houve quem diſſe, que era como o Sol, que naõ admitte, nem conſente manchas: porém naõ diſſe bem o que deſte modo a comparou; naõ; porque as manchas naõ offendem, nem podem offender ao Sol. As manchas, que vulgarmente ſe diz que offendem ao Sol, ſaõ os vapores da terra, que elevados à regiaõ do ar pela actividade dos rayos do meſmo Sol, parece à noſſa viſta, que atrevidamente lhe offuſcaõ a mageſtade; mas he engano dos olhos, porque a grande diſtancia, que ha entre o Sol,

A aterra, e en-

e entre aquelle Planeta Principe, lhes impede o ſobirem taõ alto, que poſſaõ imprimir a menor mancha naquelle corpo incomparavel, e auguſtamente luminoſo. Naõ he aſſim a virtude, porque qualquer mancha, que contrahio por deſcuido, como ſe imprime na alma, neceſſariamente cauſa hum damno, que ſó com as correntes de lagrimas arrependidas, e ſó com os violentos exercicios de huma ſevera diſciplina ſe coſtumaõ remediar. He a virtude como hum eſpelho criſtalino, a que baſtou a minima mancha para lhe offender a pureza. Taõ pura, taõ criſtalina, e taõ innocente ha de ſer a virtude, que pera ſer heroica, naõ ha de haver mancha, que a offenda, naõ ha de haver imperfeiçaõ, que a contamine. Foy Santo André Avellino hum daquelles vigilantiſſimos Servos, que com as luzes de obras Santas, e ſummamente perfeitas, eſperaraõ a vinda do Senhor: *Lucernæ ardentes, expectantibus dominum ſuum.* Toda a ſua vida foy huma perpetua vigilia, porque nunca ſe deſcuidou naõ ſó das obrigaçoens de Chriſtaõ, mas dos apices de Santo. Que outra couſa foy a conſtancia valeroſa, com que reſiſtio aos repetidos aſſaltos, com que foy combatida muitas vezes a ſua modeſtia? Que outra couſa foy a heroica paciencia, com que ſofreo a doloroſa ignominia de tres feridas no roſto, ſó por impedir a deſordem, que ſe intentava fazer em hum Convento de Religioſas, que a vigilante providencia do Arcebiſpo de Napoles tinha fiado do ſeu cuidado? Que outra couſa foy o zelo, e a caridade,

com

n que de dia, e de noite ouvio incanſavel-
ente as confiſſoens dos peccadores; e aquel-
le ardor verdadeiramente Apoſtolico, com que
andou prégando pelas Cidades mais populoſas
de Italia? Que outra couſa foy o animo Chriſ-
taõ, com que pedio aos Miniſtros, que abſol-
veſſem da pena da morte aos réos, que injuſ-
tamente haviaõ tirado a vida a hum ſeu ſobri-
nho? Sim; naõ ha duvida, que todas eſtas acçoens
elevaraõ a Avellino à grandeza de hum Heroe
Euangelico; mas toda eſta glorioſa ſerie de vir-
tudes lá teve huma mancha, que a chegou a
offender. Foy neceſſario, que moſtraſſe Avelli-
no que era homem, e que havia nelle alguma
ſombra de filho de Adaõ. Por iſſo advogando
hum dia em hum Tribunal a favor de hum réo,
proferio caſualmente huma leve mentira, que
mais foy effeito de cortezania, que deſejo poſi-
tivo de faltar à verdade. Digamolo claramente.
Mentio Avellino, mas lendo depois que o men-
tiroſo he homicida da ſua alma: *Os, quod menti-* Sap. 1. 11.
tur, occidit animam, de tal ſorte chorou aquel-
la culpa, que ſe lhe póde chamar venturoſa pe-
lo heroico arrependimento, com que foy cho-
rada. Na dor, que teve de a haver proferido,
claramente moſtrou, que naõ tinha mais do que
a ſemelhança de homem: *Et vos ſimiles hominibus.*
Todos os homens mentem: *Omnis homo mendax*,
diſſe David ſuperiormente illuſtrado; porém naõ
diſſe quando, nem diſſe quanto. Avellino men-
indo huma ſó vez, deu a entender, que excedia
a todos os homens, pois delles naõ tinha mais

do que a ſemelhança: *Et vos ſimiles hominibus.* Este ha de ſer o aſſumpto do Sermaõ. A Virgem Senhora Noſſa, que he a Mãy da Verdade increada, me alcance a graça pera diſcorrer. Obriguemola com a Oraçaõ Angelica.

Ave Maria.

AS acçoens dos Santos naõ ſómente foraõ uteis pera elles, porque os elevaraõ ao premio da Bemaventurança, mas tambem ſaõ uteis pera nós, porque ſaõ os documentos, de que nos devemos de aproveitar, e que devemos ſeguir. Se louvamos o que fizeraõ os Santos, que motivo podemos ter pera faltarmos à ſua imitaçaõ? Quanta gente ha no Mundo, que paſſa huma boa parte da ſua vida, lendo vidas de Santos? He certo, que muita; mas obſervo, que he pouco, ou nenhum o fruto, que nella produz eſta utiliſſima, e Santiſſima liçaõ. Se bem repararmos, mais effeito produz em huma deſtas peſſoas a liçaõ de huma Novella, ou de hum daquelles livros, que vulgarmente ſe chamaõ de Cavallarias, do que as importantes, e exemplares acçoens da vida de hum Santo: e a razaõ deſta injuſtiſſima deſigualdade he, porque ſe lembraõ com mais prompta memoria da narraçaõ fabuloſa, que das vidas dos Santos. Parecem-ſeme eſtes com os Iſraelitas na perigrinaçaõ do deſerto. Paſſaraõ os Iſraelitas no Egypto huma vida taõ trabalhoſa, como a coſtumaõ paſſar eſcravos com ſenhores peſſimos. Compadeceo-ſe Deos da ſua deſ-

deſgraça, foy ſervida a ſua bondade de os reſgatar de taõ duro cativeiro, levou-os pelo deſerto, e pera lhes ſuavizar a ſua natural aſpereza, naõ ſó lhes deu com generoſa abundancia o que lhes era neceſſario pera a conſervaçaõ da vida, mas pera ultima demonſtraçaõ de ſeu amor lhes deu no Manná, figura a mais expreſſa daquelle Auguſtiſſimo Sacramento, tudo o que podiaõ deſejar: *Angelorum eſcâ nutriviſti populum tuum, & paratum Panem de cœlo præſtitiſti illis ſine labore, omne delectamentum in ſe habentem, & omnis ſaporis ſuavitatem.* E ſendo iſto aſſim, eu ouço blasfemar a eſtes ingratiſſimos perigrinos, lembrando-ſe dos groſſeiros alimentos, com que opprimidos, e canſados, paſſavaõ miſeravelmente a vida na eſcravidaõ do Egypto: *Recordamur piſcium, quos comedebamus in Ægypto gratis, in mentem nobis veniunt cucumeres, & pepones, porrique, & cepe, & allia.* Pois eraõ, ou podiaõ ſer, naõ digo eu melhores, ſenaõ iguaes aquelles ruſticos alimentos do Egypto ao Manná, que ao tempo de ſe comer, ſabia ao que cada hum deſejava: *Deſerviens uniuſcujuſque voluntati?* Sim, e iſſo he o que ordinariamente ſuccede aos homens. Naõ ſe coſtumaõ lembrar do mais util, ſenaõ do peyor; ſempre lhes eſquece o bom, e ſempre lhes lembra o mao. Que comparaçaõ podia ter o Manná com as cebollas do Egypto? Que comparaçaõ podia ter huma dadiva do Ceo com huns frutos da terra da peyor qualidade? He certo, que nenhuma: mas eſta he a deſgraça dos que ſaõ homens, que naõ trataõ do melhor,

Sap. 16. 20.

Num. 11. 5.

Sap. 21.

lhor, ſenaõ do que mais lhes agrada. Se ſeguiſſemos os exemplos, que nas ſuas vidas nos deixaraõ os Santos, que differentes ſeriaõ os noſſos coſtumes! Se todo o Mundo ſeguiſſe o exemplo de hum Avellino, chorando com copioſas lagrimas huma leve mentira, que infinito numero de mentiras ſe eſcuſara no Mundo? Todo o Mundo mente, porque naõ imita a Avellino. Deſejara eu agora ter por ouvintes a todos os mentiroſos; mas aonde havia eu de prégar? Aonde haviaõ de caber todos os ouvintes? Servirmehia de Pulpito todo o Mundo, e de auditorio todas as creaturas racionaes: *Omnis homo mendax*; mas já que naõ póde ſer em todo o Mundo, ſeja em parte delle, que he a qui.

Todos mentem: mas por onde começarey? Seja pela idade, porque he taõ antigo o mentir neſta materia, que dizendo a Cicero Fabia Dolabella, que tinha trinta annos, lhe reſpondeo elle que era verdade, porque havia vinte, que aſſim lho affirmava, no que cortezãamente lhe moſtrou, que naõ eraõ trinta, ſenaõ cincoenta; mentem pois os Moços, e os Velhos negando a idade; mentem os Soldados nas valentias, que contaõ; mentem os Mercadores nos preços do que vendem; mentem os Letrados nos eſtudos, que encarecem; mentem os Medicos nas deſculpas, que daõ; mentem os Lavradores negando os frutos, que lhes deu a terra pera facilitarem a quita; mentem os Eſtudantes dizendo, que eſtudaõ, porque no que ſe lhes ouve, e muito mais no que ſe lhes naõ ouve, bem ſe conhe-

Eraſm. lib. 4. Apoph.

nece que mentem; mentem os Miniſtros quando dizem que deraõ a ſentença, porque alguma vez naõ fizeraõ mais que tresladalla de má letra; mentem os Fantaſticos ſonhando o que naõ he, e fingindo os avós, que naõ tem; mentem os Prégadores, e ha muito mentiroſo neſta grande Irmandade, porque vendem como proprio o que he alheyo; e ſendo má toda a mentira, porque he culpa, as dos Prégadores ſaõ de peyor qualidade. Ha humas mentiras, de que naõ he taõ facil o conhecimento, como de outras: pera ſe ſaber a idade, que ſe nega, he neceſſaria a certidaõ; pera ſe conhecerem as letras, he neceſſario o exame, e naõ he facil encher nem huma, nem outra condiçaõ; porèm nos Prégadores he de outra ſorte, porque baſta que falſem pera ſe conhecer ſe o que dizem he ſeu, ou naõ he ſeu. Sabeis vós quem entregou a meu Padre S. Pedro no Atrio do Principe dos Sacerdotes? Naõ foy outrem ſenaõ a ſua lingua. Fallou, e conheceraõ-no: *Loquella tua manifeſtum te facit.* Negou, e tornou a negar; mas de que ſerviaõ as negaçoens, ſe o ſeu eſtylo o eſtava entregando? Mentem os Hypocritas, e as Beatas, quando dizem, que rezaõ, e que fazem huma vida ſanta; mas lá ſe ſabe, e ſe deſcobre a verdade entre o acompanhamento, e entre as afrontas, que bem podiaõ eſcuſar, ſenaõ foſſem mentiroſos. Matth. 26. 73.

Eu me explico com mayor clareza. Mentem os Meninos por medo, mentem os Moços por jactancia, mentem os Velhos por zelo, men-

mentem as Mulheres por pejo, mentem os Pobres por neceſſidade, mentem os Ricos por cautela, mentem os Plebeos por condiçaõ, mentem os Nobres por teima, mentem os Officiaes por induſtria, mentem os Soldados por eſtratagema, mentem os Sabios por vaidade, mentem os Eccleſiaſticos por hypocriſia, mentem os Maos por malicia, e mentem os Bons por ignorancia. Quereis ſaber o como as mentiras ſaõ commuas no Mundo? Ora reparay, e vereis, que ainda depois da morte ſe eſtá mentindo, porque os cadaveres embalſemados eſtaõ repreſentando como fantaſmas da vida huma fingida impaſſibilidade. Verdadeiramente que quando conſidero em taõ repetidas mentiras em todo o eſtado de peſſoas, me lembra aquella caſa de mentira, de que falla Micheas: *Domus mendacii.* E entendo, que fallou o Profeta de todo o Mundo, porque todo elle he huma povoaçaõ infinita de mentiroſos: *Domus mendacii.* De tal ſorte em concluſaõ mentem os homens, que pera naõ mentirem no que pertence à gloria, diſſe S. Paulo, que naõ era juſto, que fallaſſem nella: *Non licet homini loqui*; e adverti, que naõ fallou nos Anjos, ſenaõ nos homens, porque parece que he condiçaõ da natureza humana naõ fallarem ſem mentirem: *Non licet homini loqui.* Por iſſo a verdade he patrimonio taõ alheyo deſte Mundo, que ſómente ſe poſſue na eternidade, pera onde ſe retirou fugitiva da meſma patria, em que naſceo: *Veritas de terra orta eſt.*

Mich. 1. 14.

2. Cor. 12. 4

Deſta culpa taõ frequente no Mundo, e deſte

eite vicio taõ radicado nos homens, pezou muito ao grande Avellino ter ſido reo huma ſó vez. Naõ ſó lhe pezou como a Chriſtaõ, e naõ ſó lhe pezou como a perfeito, mas tambem lhe devia pezar como a politico, porque havia de ſe lembrar, que o demonio fora o primeiro, que mentio no Mundo, quando fatalmente enganou a innocencia original de noſſos primeiros Pays no Paraiſo; e baſtava eſta conſideraçaõ pera abominar, e deteſtar hum erro, que tivera taõ infame author. Pezandolhe como a Chriſtaõ, e como a perfeito, chorou com infinitas lagrimas taõ leve delicto, e excedendo a ſemelhança de homem, entrou no predicamento de mais que homem: *Et vos ſimiles hominibus.* E que? Temos a Avellino por mais do que homem, ſentindo com exceſſiva dor o dizer em huma ſó occaſiaõ huma mentira cortezãa? Sim, e reparay comigo. Tres vezes negou Pedro a ſeu Meſtre. E que imaginais, que foraõ eſtas negaçoens? Naõ foraõ outra couſa ſenaõ tres mentiras, porque fallou contra o que ſabia, e contra o que conhecia, porque o mentir he fallar contra o que ſe entende: *Mentiri eſt contra mentem ire.* Emendou Pedro com muitas lagrimas o ſeu peccado de ſorte, que ſe vio reſtituido à graça de ſeu Meſtre offendido.

Reſuſcitou finalmente o meſmo Meſtre, que fora negado pelo Diſcipulo; já victorioſo da morte, da ſepultura, e dos inimigos, moſtrando na verdade da ſua glorioſa Reſurreiçaõ

arruinadas de todo as mentiras da Synagoga Laſtimadas, e ſaudoſas hiaõ as tres Marias na madrugada daquelle dia pera ungirem o Corpo de Chriſto, conſiderando ſe haveria quem lhes levantaſſe a pedra da Sepultura. Chegaraõ, e viraõ o monumento aberto, e ſentado nelle hum Anjo, que pera lhes deſterrar dos coraçoens o medo, que naturalmente conceberaõ com aquella viſta taõ pouco eſperada, lhes diſſe, que naõ temeſſem, e que o Meſtre, a quem buſcavaõ crucificado, e morto, havia reſuſcitado; e que pera prova da ſua verdade viſſem, e examinaſſem o lugar, em que fora depoſitado o ſeu Cadaver Sagrado; que foſſem, e que ſe naõ detiveſſem, e que diſſeſſem aos Diſcipulos, e a Pedro, que foſſem a Galilea, porque o veriaõ: *Ite, dicite Diſcipulis ejus, & Petro, quia præcedit vos in Galilæam, ibi eum videbitis.* Parece digna de ponderaçaõ eſta differença! E Pedro naõ compunha com os mais Diſcipulos hum ſó Apoſtolado, e hum ſó Collegio de Chriſto? Sim; pois como agora ſe ſepara? Como ſe diſtingue de todos: *Diſcipulis ejus, & Petro?* Direy. Foy Pedro o que negou a ſeu Meſtre: chorou verdadeiramente contrito a ſua culpa, e de tal modo extinguio, e lavou com as lagrimas as ſuas negaçoens, que naõ entrou em o numero dos mais Diſcipulos, porque ſe elevou ſobre todos. Eraõ homens os mais Diſcipulos, mas Pedro pela contriçaõ do ſeu peccado pareceo mais do que homem. Pelas lagrimas, que derramou Pedro para ſatisfaçaõ

Marc. 16. 7.

da

a ſua culpa, mereceo tanto, que como mais ao que homem, fez huma claſſe differente dos outros homens, por eſſa cauſa ſe lhe mandou dar com grande differença a todos os Diſcipulos a noticia da Reſurreiçaõ de ſeu Meſtre. Ouvi agora a Pedro Cellenſe. *Stimulum conſcientiæ, qui remanſerat in culpa negationis à corde verè pœnitentis excluſit, & excuſſit Deus, qui non connumerat illum inter alios, ſed præ aliis gaudium Reſurrectionis illi per Angelum mandat.* Serm. 2. in capite Jejunii.

Iſto ſuppoſto, infiro deſte modo: Logo Avellino, que mentio huma ſó vez, quem me poderá negar, que ſe fez mais do que homem, ſentindo a ſua culpa, ainda que leviſſima? Se o arrependimento de tres mentiras, affirmadas com juramento, naõ impediraõ a Pedro ſer mais do que homem: *Non connumerat illum inter alios*, com muita mayor razaõ ſe elevou Avellino a ſer mais do que homem, conſervando ſómente a ſemelhança de homem pela dor, e pela contriçaõ, com que ſentio, e chorou huma mentira huma ſó vez proferida: *Et vos ſimiles hominibus.* Naõ ſe deſculpou Avellino da mentira, que diſſe, porque como prudente, naõ ſe quiz empenhar em dizer muitas pera deſculpa de huma, como todos os dias ouvimos. Eſta foy a ruina de Pedro. Se quando, a primeira vez negou a Chriſto, ſe retirara, poderá ſer, que naõ chegaſſem a tanto numero as ſuas negaçoens; mas o empenho de o ter negado huma vez, o obrigou a que foſſem triplicados os ſacrilegios: *Ter me negabis.* Matth. 26. 75.

Conſiderou Avellino a culpa que commettera, e todo o arrependimento lhe pareceo pouco para ſe juſtificar. Será poſſivel, que no tempo de Avellino foſſem as mentiras menos uſadas, do que no tempo de agora? Naõ o creyo, porque o Mundo ſempre foy o meſmo, e os homens ſempre tiveraõ a meſma condiçaõ. Sempre ſe mentio de maneira, que eſcandalizado David de vicio taõ commum, chegou a dizer, que diminuiraõ os homens a
Pſal. 11. 2. verdade: *Diminutæ ſunt veritates à filiis hominum*; e daqui entendo, que naõ ha verdade no Mundo, porque os homens a enfraqueceraõ, adelgaçaraõ, diminuiraõ, e ſubtilizaraõ de ſorte, que já ſe naõ vê, nem póde ſer viſta, porque deſappareceo, e ſe fez inviſivel. Naõ vos pareça encarecimento, o que he certo. Lembraivos do que ſucceedeo a Chriſto em caſa de Pilatos. Quando Pilatos perguntou a Chriſto ſe era Rey, lhe reſpondeo o Senhor, que ſim o era, e que naõ viera ao Mundo ſenaõ pera dar teſtemunho da
Joan. 18. 37. verdade: *Ego in hoc natus ſum, & ad hoc veni in mundum, ut teſtimonium perhibeam veritati.* Ficou taõ aſſombrado Pilatos de ouvir fallar na verdade, que perguntou, que monſtro era aquelle, que ſe chamava verdade: *Quid eſt veritas?* Quem ſe admirar de ſemelhante pergunta, naõ tem razaõ, porque já naquelle tempo era taõ deſconhecida a verdade, que quando Pilatos ouvio fallar na verdade, lhe pareceo couſa taõ nova, que perguntou o que era, porque naõ a conhecia: *Quid eſt veritas.*

Bem

Bem a conhecia Avellino, e como quem ne ſabia o ſeu preço, e o ſeu valor, por eſſa cauſa ſentio tanto o haverlhe faltado. Se fora como os outros homens, muitas vezes ſeria réo da meſma culpa, mas como elle foy mais do que homem, porque de homem ſó conſervou a ſemelhança: *Et vos ſimiles hominibus*, emendou com o exceſſo do ſeu arrependimento taõ leve delicto. Quando David diſſe, que todo o homem mentia: *Omnis homo mendax*, naõ diſtinguio eſtado, qualidade, nem tempo, porque bem ſabia, que em todos os eſtados, em todas as qualidades, e em todos os tempos ſe mentia: *Omnis homo mendax*: mas ſendo commua pera todos os homens a verdade deſta propoſiçaõ, naõ comprehendia Avellino, porque ainda que parecia homem: *Et vos ſimiles hominibus*, era mais do que homem. Quantas occaſioens offereceo o tempo a Avellino, que pera ſe livrar de trabalhos grandes podia dizer huma mentira? Cheya eſtá a ſua vida dos perigos, que teve; mais eſtimou o padecellos, do que ſalvarſe delles com huma mentira; mais eſtimou a verdade, do que a propria vida, porque julgou como ſuperior á condiçaõ humana, que nada era taõ indecoroſo, como faltar à verdade. Entendeo, que naõ havia motivo de mayor deſgoſto, nem de mayor ſentimento, do que poderſe dizer de hum homem, que houve huma occaſiaõ, em que diſſe huma mentira. Naõ ſey ſe haverá facilmente quem imite ao grande Avellino! Mentindo, todo o Mundo: aborrecendo a mentira, muy raros.

Atten-

Attendaõ ao ſucceſſo de Jonas, que he digno de reparo pelas ordens, e pelas conſequencias. Era a Cidade de Ninive ſoberba fundaçaõ de Nino, que fazendo-a Corte da Aſſiria, fez nella hum milagre do ſeu poder, hum amphitheatro de delicias, e hum compendio de maravilhas. Retratou nella toda a pompa dos ſeus triunfos, porque a cercou de muralhas de pedraria, de altura de cem pés, e taõ largas, e eſpaçoſas, que rodavaõ por cima muitas carroças emparelhadas. Corcavaõ eſtes muros quinhentas torres, taõ bem fabricadas pera divertimento da viſta, como fortes pera reſiſtirem aos aſſaltos dos inimigos, e com as errantes correntes das ſuas aguas lhes fazia o foſſo o rio Tigris. Eraõ os ſeus habitadores pela ſeita idolatras, affeminados por condiçaõ, desleaes por genio, e obſtinados no mal.

Nas ſuas praças reynavaõ os eſcandalos de todo o genero de intemperança, nos Tribunaes ſe comprava, e vendia publicamente a juſtiça, e nos Templos ſe deſprezava o verdadeiro Deos com a adoraçaõ do demonio. Chegaraõ as infamias daquella grande Corte ao Ceo, e indignada a Omnipotencia das torpes culpas, que nella ſe commettiaõ, diſſe a Jonas, que foſſe intimar-lhe a ſua ruina no preciſo termo de quarenta dias: *Clamavit, & dixit, adhuc quadraginta dies, & Ninive ſubvertetur.* Foy ouvida eſta temeroſa voz do Proféta com tal medo, e com tal ſuſto, que totalmente ſe mudou a ſcena. Converteo-ſe Ninive peccadora, e eſcandaloſa em huma The-

Jon. 4.

baida

[illegible]da de Anacoretas, e em huma Catacumba de [illegible]ficados. Acabouſe o commercio, fecharaõ-ſe as caſas de divertimento, e o que mais me admira, que morreraõ as demandas nos Tribunaes. Prohibiraõ-ſe as deſordens, transformaraõ-ſe as galas em luto, e as zombarias em hum ſilencio triſte. Appareceraõ as Matronas deſpojadas do adorno em ſinal de ſentimento, viaõ-ſe os homens com cadeas na garganta, os Magiſtrados deſcalços, toda a Nobreza, todo o Povo, e todos os moradores de qualquer eſtado, e condiçaõ ſumergidos em lagrimas, ſe davaõ huns aos outros a formidavel noticia do ſeu eſtrago: *Subvertetur.* O meſmo Rey Sardanapalo foy viſto como réo ſem throno, cuberto com hum ſaco penitente em lugar de purpura, e a vileza das cinzas lhe ſubſtituhio a mageſtade da Coroa. Naõ parou aqui a demonſtraçaõ de Ninive arrependida, porque tambem os meninos ſe viraõ condemnados ao jejum, e como deſejoſos do ſeu alimento natural, enchiaõ piedoſamente o Ceo com ſuſpiros agonizantes. Ainda paſſou a mais, porque até aos brutos ſe lhes negou o ſuſtento, de ſorte, que Ninive nem parecia, nem era a Ninive, que havia ſido, porque ſe viaõ pelas ruas penitencias publicas, e ſe ouviaõ os eccos de clamores penitentes, e tudo eraõ lagrimas, tudo ſolidaõ, e tudo horror. Ponderay o pezo de quatro ſyllabas: *Subvertetur*, que baſtaraõ pera fazer das caſas dos abuſos ſantuarios de exemplos, de hum aggregado de torpezas, hum deſerto de merecimento, e da patria dos reprobos, huma colonia de predeſtinados.

Via

Via Jonas esta mudança, via que passavam os dias, e que já era chegado aquelle termo fatalmente destinado pera a ruina de Ninive no dia quarenta: *Adhuc quadraginta dies*, e reparava, que a Povoaçaõ estava no mesmo estado, que quando a ameaçara; e diz o texto, que observando isto, se affligira com huma grande affliçaõ, e que fallara com Deos como impaciente, e como indignado de naõ ver o promettido fim da sua profecia: *Et afflictus est Jonas afflictione magna, & iratus est, & oravit ad Dominum.* Que he isto Senhor? Que he o que vejo? Já se acabaraõ os quarenta dias, em que me mandastes prégar a Ninive a sua ruina, e ainda a vejo estar em pé taõ firme, e taõ segura como antes de ameaçada? Daime licença, Senhor, e perdoaime se vos disser, que fundado na vossa piedade, e no vosso amor, cheguey a duvidar do temeroso effeito da vossa palavra. Por vossa ordem préguey a este grande Povo a sua destruiçaõ; e como vejo agora sem comprimento a vossa, e a minha palavra? Pois, Senhor, já que na vossa maõ está a vida, e a morte de todos, tiraime a vida, porque menos a estimo, e menos a quero do que a morte, pois vejo, que he infinitamente mayor a vossa misericordia, e a vossa clemencia, do que a malicia de toda esta Corte: e já por esta causa fugi pera Tharsis ao primeiro aviso da vossa indignaçaõ, porque bem sospeitava eu, que com a penitencia dos peccadores podieis embainhar a fulminante espada da vossa justiça: *Obsecro Domine*,

hæc, nunquid non hoc eſt verbum meum, cum adhuc eſſem in terra mea? Propter hoc præoccupavi ut fugerem in Tharſis, ſcio enim quia tu Deus clemens, & miſericors es, patiens, & multæ miſerationis, & ignoſcens ſuper malitia. Et nunc Domine tolle, quæſo, animam meam à me, quia melior eſt mihi mors, quàm vita.

Eſta petiçaõ de Jonas he das mais duras, e das mais difficultoſas de perceber, que ha nas ſagradas letras; e a razaõ he, porque naõ he facil de conjecturar o motivo, que teve Jonas pera pedir a Deos, que lhe tiraſſe a vida; naõ. Eu bem ſey, que tambem Elias pedio, e deſejou a morte: *Petivit animæ ſuæ ut moreretur*, mas 3. Reg. 19. 4
Elias via-ſe perſeguido pela tyrannia de Jeſabel, que tinha jurado, que no dia ſeguinte lhe havia de tirar a vida: *Hæc mihi faciant Dii, & hæc addant, niſi hac hora cras poſuero animam meam ſicut animam unius ex illis*, e a afflicçaõ da morte promettida por huma Rainha, que ſe fazia reſpeitar, era bem fundado motivo pera temer. Porém a petiçaõ de Jonas naõ ſó naõ tinha ſemelhante fundamento, mas totalmente diverſo. Jonas naõ eſtava ameaçado por creatura alguma, porque os moradores de Ninive eſtavaõ vendo o como poderiaõ revogar com a ſua penitencia a fulminada ſentença da ſua ſubverſaõ: *Subvertetur*, e tratavaõ da morte das ſuas culpas, e naõ lhes lembrava o damno alheyo. Diremos por ventura, que ſentia Jonas naõ ver a grande Corte de Ninive reduzida ao eſtrago ameaçado, e que picado de a ver em pé, a pezar da

ruina promettida, quizeſſe antes a morte, do que ſer teſtemunha da ſua conſervaçaõ? Naõ he crivel taõ injuſto penſamento de hum legitimo, e verdadeiro Profeta! A que cauſa logo havemos de attribuir eſta morte, pedida por Jonas naõ ſó huma, ſenaõ duas vezes: *Tolle, quæſo, animam meam à me, quia melior eſt mihi mors, quàm vita; petivit ſuæ animæ ut moreretur, & dixit, melius eſt mihi mori, quàm vivere.* Obſervay bem o ſentimento de Jonas, e vereis, que a petiçaõ da morte naõ era pela conſervaçaõ de Ninive, ſenaõ pelo que pertencia a elle Profeta como homem de verdade, e de pundonor. Que prégou Jonas? A ſubverſaõ de Ninive, acabado o eſpaço de quarenta dias: *Adhuc quadraginta dies & Ninive ſubvertetur.* Eſte Decreto, pelo que ſe lhe repreſentava, era abſoluto, porque naõ tinha condiçaõ. Prégou Jonas, emendaraõſe as culpas com taõ vivo arrependimento, que ſuſpendeo o Senhor a indignaçaõ, embainhou a eſpada, e revogou a ſentença: *Et vidit Deus opera eorum, quia converſi ſunt de via ſua mala, & miſertus eſt Deus.* Pois, diz Jonas: E como fica a minha opiniaõ? Que diraõ os moradores deſta Corte, vendo que lhes profetizey o merecido caſtigo dos ſeus peccados, e que o naõ tiveraõ? Juſtamente me accuſaráõ de mentiroſo; juſtamente me condemnaráõ de Profeta falſo, e fingido. Pois naõ, havendo de paſſar ou pela infamia de mentiroſo, ou pela fatalidade da morte, antes quero ſer victima da morte, do que ſer irriſaõ de toda huma Corte;

Jon. 3. 10.

acabe

cabe Jonas morrendo, e naõ fique vivo ra
adecer a nota de mentiroſo: *Melius eſt* ... Sanch. lic.
mori, quàm vivere. Que bem o ponderou o doutiſſimo Sanches: *Ferebat enim iniquiſſimè eo exiſtimationem ſuam eſſe deductam, ut vanus haberetur Propheta, atque delirus vates.* Naõ devia ſentir Jonas o perdaõ Divino, juſtamente merecido por taõ verdadeira penitencia; naõ lhe devia de pezar de ver aquella Corte reſtituida à graça do Creador; naõ, porque neſte ſentido ſe faria réo de huma culpa mortal; mas como conſiderou que promettera o que naõ ſuccedeo, temia com razaõ, que diſſeſſem os Ninivitas, que fora mentiroſo, e que fora falſa a ſua profecia; e eſte penſamento o picava de ſorte, que deſejava a morte, e de nenhum modo a vida: *Melius eſt mihi mori, quàm vivere.*

Mais cuidadoſo da ſua opiniaõ, que da ſua vida, pedia Jonas a morte, por ſe naõ expor à cenſura de menos verdadeiro. Naõ ha duvida, que eſta deſconfiança em Jonas foy hum exceſſo de brio, porque o Povo de Ninive bem havia de conhecer, que a revogaçaõ do Decreto fora effeito das extraordinarias demoſtraçoens da ſua dor; mas iſto naõ era o que baſtava pera o pundonor do Profeta. Pedia Jonas a morte pera ſatisfazer à ſua deſconfiança, e naõ a conſeguio; mas o que elle naõ alcançou, mereceo outro homem de mayor nobreza, e de mayor idade, que eſtimou mais perder a vida na maõ de hum tyranno, do que ſalvalla com hum leve fingimento, porque entendeo,

qu naõ havia conveniencia temporal, qu' [illegible] ſſe contrapezar a infamia de huma mentira, ainda que deſculpavel, ainda que disfarçada, ainda que occulta.

Por ordem da impiedade hia padecer a morte Eleazaro, hum dos primeiros homens da Republica dos Hebreos, a quem accreſcentava o reſpeito a grande idade, e a gentileza da preſença: *Eleazarus unus de primoribus Scribarum, vir ætate provectus, & vultu decorus.* Era a cauſa da morte o naõ querer obedecer aos Governadores Gentios, que o obrigavaõ a que comeſſe o que lhe era prohibido pela Ley. Viraõ muitos eſte laſtimoſo eſpectaculo, e levados mais da amizade de Eleazaro, que da juſtiça, ou da razaõ, lhe diziaõ em ſegredo, que comeſſe da carne, que lhe era permittido comer, fingindo, e dando a entender, que comia da que lhe ordenavaõ os decretos barbaros de Antiocho: *Rogabant afferri carnes, quibus veſci ei licebat, ut ſimularetur manducaſſe, ſicut Rex præceperat, de ſacrificii carnibus.* Era o fundamento deſte piedoſo conſelho, querer com eſta mentira, ou com eſta ficçaõ ſalvar a Eleazaro da morte, porque de outra ſorte naõ era poſſivel: *Ut hoc facto à morte liberaretur.* E por ventura aceitou Eleazaro eſte conſelho, taõ conforme com o amor da vida? Se os ſucceſſos da Republica Iſraelitica eſtavaõ taõ perigoſos, naõ era conveniente, que com huma acçaõ disfarçada, e com huma apparente mentira ſe reſervaſſe vivo pera o amparo de tantos, a quem podia ſer mais util a ſua vida.

2. Mac. 6. 18.

do

do que a ſua morte? Naõ; naõ quiz admitir Eleazaro ſemelhante conſelho, porque mais eſtimava naõ fingir, do que morrer; e antes naõ queria viver, do que mentir.

Se em mentir eſtiveſſe ſegura a conſervaçaõ da vida, naõ faltaõ muitos, que ſe vaõ diſpondo pera a immortalidade com a continuada torrente de mentiras, que dizem, mas eſte penſamento tambem he mentiroſo, porque já vi morrer alguns (e naõ muito velhos) deſtes candidatos da immortalidade pela razaõ de mentiroſos, e temo muito que lhes naõ pudeſſe pezar entaõ do muito, que mentiraõ. Naõ ſeguio eſte erro o grande Eleazaro, porque abominando como nobre taõ fea culpa, como a de mentir, ſacrificou valeroſamente a vida. Ouvio os conſelhos, que lhe dava a piedade dos amigos, e reparando, que todos eraõ em ordem à conſervaçaõ da vida temporal, começou a conſiderar no veneravel reſpeito da ſua idade, e da ſua velhice, na antiguidade da ſua nobreza, nos ſãos coſtumes, que praticara deſde menino, e na vigilancia, e cuidado, com que obſervara ſempre os preceitos da Ley, que Deos havia dado ao Povo de Iſrael; e com reſoluçaõ mayor, que a que ſe podia, ou devia eſperar dos ſeus annos, lhes reſpondeo, que antepunha a felicidade da morte a huma vida, que podia ſalvar com huma mentira, porque o mentir, e enganar naõ era decente a hum homem da ſua idade, como o faziaõ muitos moços, perſuadindo-ſe, que Eleazaro de noventa

annos

[illegible] degenerara de quem era, seguindo os erros dos idolatras, e que elles se enganassem com a sua mentira, ou com a sua ficçaõ a respeito do breve tempo de huma vida miseravel, e por esta causa naõ queria macular, nem infamar pera o futuro a sua velhice. Bem sey, dizia elle, que com esse conselho, que me dá a vossa compaixaõ, me posso livrar agora da barbaridade, que me condemna; mas que me importa, ou de que me serve dizer huma mentira, se sey, que nem vivo, nem morto posso fugir da Omnipotencia Divina? Por isso dando a vida em obsequio da verdade, acabarey como pede a dignidade da minha velhice; deixarey aos moços hum efficacissimo exemplo do que devem fazer, e será o valor, e a fortaleza, com que der a vida, hum eterno memorial da minha observancia pera com a Ley de Deos. Assim morreo Eleazaro sacrificando a vida por naõ dizer huma mentira, e por naõ fazer hum fingimento. Era natural, que causasse horror a injustiça daquella morte a hum velho de noventa annos de idade, mas de que servia a vida a hum homem, a quem naturalmente lhe hia faltando o tempo pera se arrepender da mesma culpa, com que lhe persuadiaõ; que a salvasse?

Mas defendamos aos amigos, e conselheiros de Eleazaro, quando lhe diziaõ, que com huma apparente mentira, tratasse da conservaçaõ da sua vida: *Ut hoc facto à morte liberaretur.* O fim destes conselheiros naõ era o interesse parti-

particular de cada hum delles, era o inte- Te commum daquella Republica, que por v [illegible] accidentes ſe achava taõ afflicta, que lhe podia ſervir a vida de hum tal homem ou de evitar, ou de reparar a imminente ruina. Eleazaro morto era objecto do ſentimento, e das ſaudades de todos: Eleazaro vivo era o certo aſylo de tantos miſeraveis, que ſe podiaõ valer humas vezes do ſeu conſelho, outras da ſua authoridade. Hum homem daquella grandeza fazſe em muitos annos, pera ſer unico em muitos ſeculos, mas perde-ſe naquelle inſtante, em que perde a vida. Pera beneficio de tantos bem ſe podia dizer huma mentira, como ſe vio no Egypto, quando Faraó mandou àquellas mulheres, que eraõ ſabias na aſſiſtencia dos partos, que déſſem a morte a todos os filhos machos das Hebreas: *Si maſculus fuerit, interficite eum.* Porém ellas naõ o fizeraõ aſſim, porque faltando expreſſamente à ordem Real, enganaraõ ao Principe, dizendolhe, que as mulheres Hebreas naõ eraõ como as Egypcias, porque ſem que eſperaſſem pelos effeitos da ſua induſtria, quando ellas chegavaõ, já tinhaõ dado os ſeus filhos à luz: *Non ſunt Hebrææ ſicut Ægyptiæ mulieres; ipſæ enim obſtetricandi habent ſcientiam, & priuſquam veniamus ad eas, pariunt.* E ſe eſta mentira foy a cauſa de ſe dilatar tanto o Povo de Iſrael, porque naõ poderia mentir Eleazaro, pera ſe ſalvar nelle hum dos grandes homens, que teve aquelle Povo: *Ut hoc facto à morte liberaretur?* Se naõ fora licita

Exod. 1. 16.

numa mentira pera ſe fazer bem, naõ ve-
os as mulheres Egypcias premiadas por Deos, como diz o Texto: *Benè ergo fecit Deus obſtetricibus ::: ædificavit eis domos.* Logo naõ he taõ fea huma mentira, que ſenaõ poſſa, ou ſe naõ deva dizer, pera com ella ſe fazer o bem, ou ſe evitar o mal. Porém naõ he aſſim, porque he certo, que por nenhum fim ſe deve mentir. Naõ ha duvida, que Deos ſim ſe moſtrou agradecido àquellas Egypcias, que naõ quizeraõ ſer inſtrumento da mais deshumana crueldade, mas o agradecimento Divino naõ foy em ordem à mentira, foy em ordem à piedade, e à compaixaõ, que tiveraõ, diz admiravelmente o Cardeal Hugo: *Pietas in eis remunerata eſt, non mendacium.* Naõ podia ſer, que Deos como Summa Verdade approvaſſe huma mentira, porque amaria o meſmo, que aborrece, e que ha de caſtigar com toda a ſeveridade do ſeu rigor, como diſſe hum dos mais fieis interpretes da ſua vontade: *Perdes omnes, qui loquuntur mendacium*; mas agradeceo como miſericordioſo huma acçaõ de piedade, e de compaixaõ: *Pietas in eis remunerata eſt, non mendacium.*

Hugo hic.

Pſalm. 5. 6.

Naõ ſabemos com certeza a qualidade da mentira, que proferio Avellino, ainda que ſabemos, que foy naſcida de hum affecto cortezaõ: *Officioſum mendaciolum*; mas podemos ſuppor, ou conjecturar, que ſeria em obſequio do meſmo, que defendia como Patrono; mas conhecendo o erro, que commettera, tratou de o purificar com a penitencia. Se Avellino naõ entrara

tiara no arrependimento daquelle leve deli
eu vos ſeguro, que naõ ſó naõ ſeria Santo, c
mo foy, mas que ſeria hum Heroe de menti-
ras, porque o acto de huma mentira o diſpunha
pera outro, outro pera outro acto, e os muitos
actos pera os habitos, e em lugar de venerarmos
a Avellino como portentoſo Author de mara-
vilhas ſobrenaturaes, o teriamos, como temos
a outros, por eſcandoloſo author de indignas,
e de infames mentiras.

Agora vejo eu a muita razaõ, com que
diſſe Job aos ſeus amigos, que antes de lhes reſ-
ponder, lhes queria moſtrar o como eraõ arti-
fices, e fabricadores de mentiras: *Prius vos oſ-* Job. 13. 4.
tendens fabricatores mendacii. Naõ ſe podia expli-
car melhor a vida de hum mentiroſo. O arti-
fice, a que ſe encommenda a planta de hum
Palacio, logo começa a diſpor a repartiçaõ da-
quelle todo em partes proporcionadas, a ſer-
ventia commoda dos quartos, a melhor luz pera
as caſas, tudo finalmente quanto póde condu-
zir pera a mageſtade do edificio. Tem os men-
tiroſos edificada a ſua caſa, que he a da menti-
ra: *Domus mendacii*, e nella eſtá tudo prompto
para mentirem. Pera todas as partes do Mundo
tem janellas eſta grande caſa, porque eſtes artifi-
ces, como navegantes expertos, com todo o ven o
navegaõ. Mentem pera Inglaterra, mentem pe a
Heſpanha, mentem pera França, mentem pe a
Hollanda, mentem pera Italia, mentem pera Ale-
manha, mentem pera Africa, mentem pera Ame-
rica, e mentem pera a India na Aſia, ſendo que

20/3102

ao pouco podem luzir pelos inſignes Meſtres [illegible] riliſſima arte, que aquella terra coſtuma produzir: *Fabricatores mendacii.* Outros ſaõ artifices de mentiras por eſtylo differente, como diz Ezechiel, hiſtoriador dos mentirоſos paſſados, e Profèta dos futuros: *Vident vana, & divinant mendacium.* Eſtes querem ſer os Bandarras de Portugal, e os Noſtradamus de França, fazendo prognoſticos politicos, e Damioens Francezes, adevinhando tempeſtades: com aſpecto melancolico, e triſte, como quem eſtá meditando em materias graves, de grande pezo, e de mayor conſequencia, feitos arbitros do Mundo, eſtaõ ideando couſas aereas ſem mais fundamento, que o que lhes dá o fumo da ſua vaidade: *Vident vana.* Daõ documentos a outros ſemelhantes a elles, que eſtaõ pendentes da ſua boca, e das reſoluçoens da ſua cabeça, taõ vãa, como o que dizem: *Vident vana*; e paſſando adiante com a arrogancia da ſua fanteſia, adevinhaõ mentiras; mas o tempo os deſenganou, moſtrandolhes, que as ſuas idéas foraõ mentirоſas, como forjadas na officina do vento: *Divinant mendacium.* Naõ faltaõ artifices de mentiras por eſcrito, e eſtes, ſendo peſſimos mentirоſos pelos damnos, que podem cauſar com os ſeus artificios fingidos, lá vem finalmente a ſer deſprezados, porque vem a ſer conhecidos, pois como diſſe Menandro, naõ ſe podem occultar as mentiras por muito tempo: *Mentiens nullum latet ad multum tempus*; e a razaõ he, porque no Mundo naõ ha força mais incontraſtavel, que a da verdade, porque naõ

Ezech. 13.6.

tem

tem reſiſtencia. A tudo ſe poderá reſiſtir à verdade naõ.

Cahio por terra toda huma Cohorte Romana ſem mais armas, que perguntarlhes Chriſto a quem buſcavaõ: *Quem quæritis? Ceciderunt in terram.* Aſſim havia de ſucceder. Era Chriſto a meſma Verdade: *Ego ſum veritas*: era aquella Cohorte compoſta, e formada dos mayores mentiroſos de todo o Mundo, e preciſamente havia de cahir por terra a mentira à viſta da Verdade: *Ceciderunt in terram.* E ſe naõ fora neceſſario dar ſatisfaçaõ ao Decreto do Eterno Pay com a morte de Chriſto pera a noſſa redempçaõ, ficaria ſepultado na terra pera ſempre o atrevimento ſacrilego da mentira: *Ceciderunt.* Mas ſe eſtes naõ experimentaraõ o que mereciaõ, porque cooperavaõ ſem o ſaberem, pera o altiſſimo fim da redempçaõ humana, vede agora o como os mentiroſos ſaõ os artifices, e fabricadores da ſua ruina: *Fabricatores mendacii.*

Joan. 18. 6.

Joan. 14. 6.

Nem todos ſupponho que ſabem a hiſtoria de Suſanna, que he huma prova admiravel da verdade, que digo; e ſe a ſabem, perdoemme agora, que tambem eu ouço tantas vezes o meſmo, que já o ſey de cór. Mais pera caſtigo de Babylonia, que pera utilidade do ſeu governo, foraõ nomeados dous Velhos pera Juizes de hum anno. Hiaõ a caſa do principal homem daquella Cidade, chamado Joachim, cuja mulher era Suſanna, ſummamente fermoſa, e temente a Deos, diz o Texto: *Pulchram nimis, & timentem Deum.* Com a confiança de Miniſtros, que

Don. 3. 2.

ſe [illegible] a tomaõ mayor com o pretex[illegible] do lugar, [illegible] officio, tinhaõ occaſiaõ de verem a Suſanna, e baſtou eſta viſta algumas vezes repetida pera ſer a cauſa do ſeu damno. Tiveraõ, e conſentiraõ ambos no meſmo penſamento, mas com taõ malicioſa cautela, que hum ſe naõ fiou do outro, porque tinhaõ pejo de ſe declararem, e ſó neſte ſegredo lhes acho razaõ: *Erubeſcebant enim indicare ſibi concupiſcentiam ſuam.* Como ſabiaõ, que Suſanna hia muitas vezes divertirſe ao ſeu jardim, acabada hum dia a audiencia do Povo, foy cada hum dos Velhos procurar o ſitio, que lhes offereceſſe mais commodamente a occaſiaõ, que deſejavaõ. Encontraraõ-ſe ambos no meſmo lugar, naõ ſe puderaõ encobrir, deſculpouſe hum com o outro, e feitos mais fortes, e mais animoſos com a reciproca companhia, começaraõ a manifeſtar à Matrona caſtiſſima as impuriſſimas velhices dos ſeus peitos. Naõ diz o Texto com miudeza o que diſſeraõ os Velhos; e eu digo, que com grande myſterio o callou, porque hum velho ſe algum dia teve juizo, dará conſelhos prudentes, e maduros, mas penſamentos, e conceitos que poſſaõ agradar, iſſo naõ, porque a meſma velhice lhes eſtá accuſando a ignorancia, a impropriedade, e a indecencia. Boa juſtiça de Miniſtros, fazeremſe réos da meſma culpa, de que eraõ Juizes pela ſua Ley! Grande deſamparo de prudencia! Pois quando deviaõ de cuidar no epitafio pera a ſepultura, eſtavaõ cuidando aleivoſamente da infamia de hum ſeu amigo! Ouvio Suſanna o

que

que naõ esperava ouvir ; e vendo de huma parte o perigo da sua fama , e vendo de outra o perigo da sua vida , recorreo a Deos , pedindolhe o remedio pera o damno , a que infallivelmente se via exposta. Foy levada a juizo , em que pera a sentença ser injusta , bastava , que a déssem os mesmos Juizes aggravados , offendidos , e mais que tudo desprezados. Accusaraõ a Susanna de haver commettido adulterio , e do crime foraõ os mesmos Velhos as testemunhas singulares.

Com discredito publico da familia , e da pessoa hia Susanna a morrer apedrejada , como a ley mandava , quando appareceo Daniel inspirado por Deos , e com palavras , a que naõ era possivel resistir , fez que Susanna voltasse novamente pera o Tribunal , de que sahira condemnada. Bem se deve suppor , qual seria a expectaçaõ daquelle Povo em caso taõ novo ! Quantos notariaõ a Daniel de confiado , e de atrevido , suspendendo a execuçaõ de huma sentença , que havia dado a rectidaõ de taes Juizes , a quem bastava pera justificaçaõ a authoridade das cãas , como se com ellas se naõ disfarçassem huns animos taõ indignos do seu ministerio , como os destes Juizes. Entrou Daniel ao exame naõ da culpa , senaõ dos Ministros , e se assim se fizera , seria melhor , porque declarariaõ os vicios dos processos os mesmos Ministros , que os sentenciaraõ. Separados hum do outro em grande distancia , os dous Juizes por ordem de Daniel , os examinou sem mais argumentos , que per-

perguntarlhes a cada hum delles qual fora a arvore, debaixo de cuja ſombra commettera Suſanna o crime, que hia pagar com a morte. E que pouca ſubſiſtencia tem a mentira em ſe vendo apertada! Diſcordaraõ, naõ digo bem, declararaõ-ſe mentiroſos no depoimento, porque cada hum daquelles Velhos, que de Juizes paſſaraõ a réos, mentio na arvore, que diſſe, que por iſſo Daniel lhes affirmou, que haviaõ mentido: *Mentitus es.* Mas adverti, que lhes naõ diſſe Daniel, que tinhaõ mentido contra a honra de Suſanna, o que parecia de razaõ, que lhes diſſeſſe, porque com a mentira dos Velhos já provada, e já convencida ſe juſtificava a ſua innocencia; mas diſſelhes, que com a mentira, que fabricaraõ, e urdiraõ, diſpuzeraõ infelizmente a ſua ruina, e a ſua morte: *Mentitus es in caput tuum*; e aſſim ſuccedeo, porque morreraõ apedrejados, pagando juſtamente com as vidas os artificios, que idearaõ pera vingança do ſeu deſprezo: *Interfecerunt eos, fabricatores mendacii.* Eſtes ſaõ os laços, que armaõ os mentiroſos pera prejuizo alheyo; mas eſtes tambem ſaõ os laços, de que dizia David, que eſtando armados pera damno de outros, pelos altiſſimos juizos de Deos ſerviraõ pera ruina dos meſmos, que malicioſamente os armaraõ: *In laqueo iſto, quem abſconderunt, comprehenſus eſt pes eorum.* Naõ vos canceis, que os mentiroſos bem vos poderáõ diſpor como fabricadores de mentiras o voſſo damno, ou a voſſa moleſtia; mas deſenganaivos, e ſabey, que elles ſaõ os que haõ de pagal-

pagallas, ver.do-ſe conhecidos, e abominados por mentiroſos.

Eſte damno naõ quiz padecer Avellino, porque bem ſabia como douto, qual he o fim dos mentiroſos. Se como cortezaõ mentio huma vez, ſoube-ſe arrepender como Chriſtaõ, porque além de ſatisfazer ao Euangelho como perfeito, naõ quiz ſer elle o artifice da ſua ruina. Temia Avellino aquellas balanças, de que, como diſſe David, uſavaõ os mentiroſos, e que enganavaõ com a vaidade das ſuas mentiras: *Mendaces filii hominum in ſtateris, ut decipiant de vanitate.* E como por naõ mentir era mais do que homem, nem queria pezar nellas, pera naõ ſer mentiroſo no pezo, nem queria ſer pezado, porque naõ queria experimentar a falſidade da lingua dos mentiroſos. Como podem ſer boas as balanças em mãos taõ más? Como póde o pezo ſer juſto, aonde o fiel he a mentira? Quereiſvos admirar do como iſto ſe faz? Ora vede pezar, e acabareis de conhecer a injuſtiça, a falſidade, e a mentira, com que ſe peza. Toma hum deſtes mentiroſos as balanças na maõ, e poem nellas as dignidades, e os benemeritos pera ellas; conſidera, que ſe pezar bem, fica elle perdido, porque naõ póde competir. Naõ cuida, no que he melhor, ſenaõ no que mais lhe convem; naõ trata do que he juſto, ſenaõ do que he mais accommodado aos ſeus intentos, que ſempre coſtumaõ reſpeitar a ſua commodidade. Pois que remedio? Mentiras, e mais mentiras, e fique triunfante a mentira, e vencida a verda- Pſalm. 16. 10.

verdade: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* Entraõ as letras pera ſerem pezadas: he conhecido o exceſſo; he naõ ſó ouvida, ſenaõ viſta a differença nas vozes da acclamaçaõ commua, que he louvor ſem ſoſpeita. Pois que remedio? Mentiras, e mais mentiras; fique vitorioſa a mentira, e deſtruida a verdade: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* Entraõ as virtudes pera ſerem pezadas: he reſpeitada a ſinceridade do animo, he conhecida a rectidaõ do procedimento; naõ ha que dizer, naõ ha que murmurar, porque naõ ha fundamento pera a oppoſiçaõ, como diz S. Paulo: *Ut is, qui ex adverſo eſt, vereatur, nihil habens dicere de nobis.* Pois que remedio? Mentiras, e mais mentiras; fique duvidoſa a mentira, e duvidada a verdade: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* Entraõ as riquezas pera ſerem pezadas: he ſabida a grandeza do patrimonio, o eſtado da caſa, e o numero da familia. Pois que remedio? Mentiras, e mais mentiras: attribua-ſe tudo a furtos antigos, a violencias notorias, a peitas manifeſtas, à juſtiça vendida, e a huma ambiçaõ deſmarcada: fique vacillante a verdade, e veja a mentira ſe póde conſeguir o ſeu fim: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* Entra a ſer pezado o valor. Todo o Mundo ſabe as feridas, que ſe receberaõ, o muito ſangue, que ſe derramou nas campanhas, os heroicos trabalhos, que ſe padeceraõ, e os ſerviços grandes, com que a Patria ſe honrou. Pois que remedio? Mentiras, e mais mentiras: diga-ſe, que eſta fama he encarecimento dos amigos,

gos, que e exceſſo dos apaixonados: fique confuſa a verdade, e procure fazer a mentira o que ſempre coſtuma: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* E pera que he toda eſta falſidade de balanças? Pera que he tanta mentira? Diſſe-o o Cardeal Hugo, porque os mentirоſos o que naõ podem adquirir com razaõ, e com juſtiça, o deſejaõ conſeguir por força de mentiras: *Ideo quæ non poſſunt juſtè acquirere, per falſitatem nituntur acquirere.* Hugo in Pſal. 61.

Exaqui o que ſuccede nas balanças dos mentiroſos, quando pezaõ como querem; mas que lhes ſuccede, quando ſaõ pezados na balança da verdade? Oh! Que differença de pezo taõ juſta, taõ juſtificada, e taõ merecida! He fatal o caſo de Daniel com ElRey Balthaſar. Banqueteava ſacrilegamente eſte Principe infeliz no ſeu Palacio com todos os Grandes da ſua Corte, ſervindo-ſe dos vaſos Sagrados do Templo de Jeruſalem, quando pera caſtigo da ſua intemperança appareceo na parede huma inviſivel maõ eſcrevendo caracteres deſconhecidos. Entrou ElRey em ſi por força do ſuſto, e deſejoſo de ſaber o que ſignificavaõ aquellas letras, naõ foy poſſivel aos ſeus Sabios darlhes a interpretaçaõ. Por conſelho da Rainha, que pera animar a ElRey entrou pela caſa do banquete, foy chamado Daniel, cuja ſabedoria na intelligencia de ſegredos já ſe reſpeitava deſde o tempo de Nabucodonoſor. Entrou Daniel na preſença de hum Rey, e de toda huma Corte juſtamente perturbada com caſo taõ novo. Vio, e interpretou as letras ſem politica, ſem liſonja,

mas com verdade de Profeta do Senhor, em que naõ ha, nem póde haver mentira, nem eſtylos, ou ceremonias do Mundo; e da interpretaçaõ das tres palavras, que appareceraõ eſcritas, a ſegunda he o motivo do meu reparo: *Thecel: appenſus es in ſtatera, & inventus es minus habens.* Foſtes, Senhor, pezado na balança, e achou-ſe, que pezaveis menos do que a voſſa imaginaçaõ vos poderia repreſentar. Naõ ouviria hum Principe eſte deſengano, ſe as balanças eſtiveſſem na maõ de homens politicos, e cortezãos! E em que eſteve a deſigualdade deſte pezo? Eſteve em que Balthaſar entendia, que era mais do que era: via-ſe adorado como Rey; eraõ obedecidas as ſuas ordens ſem dilaçaõ; imaginava, que era hum Deos, e todas eſtas loucuras lhe approvava a liſonja dos Vaſſallos, que na adulaçaõ dos Soberanos coſtumaõ fundar os ſeus intereſſes, e os ſeus augmentos: *Mendaces filii hominum in ſtateris.* Mas que? Apparece a balança Divina, que naõ attende à qualidade de peſſoas, ſenaõ à qualidade dos merecimentos, e no verdadeiro pezo da ſua juſtiça moſtra o como ſaõ falſos, e mentiroſos os pezos das balanças deſte Mundo; por iſſo os que mentem mais, ſe achaõ no fim com menos, e o que cuidava, que tinha tudo, ſe achou no fim diminuto no pezo: *Appenſus es in ſtatera, & inventus es minus habens.*

Dan. 5. 27.

Sabia Avellino a falſidade dos homens, quando pezaõ mentiras com mentiras. Se as balanças foſſem ſómente falſas, e mentiroſas, ſempre

pre o pezo havia de ſer máo: mas que ſerá, ſe o que ſe peza nas balanças da mentira, tambem he mentira? A' viſta de tanta falſidade, quem naõ poderá dizer, que eſtes homens ſaõ informados, e animados pela mentira? Quem naõ dirá, que o nome, porque devem ſer conhecidos, he o de mentiroſos? E quem naõ dirá, que eſte deve de ſer o ſeu nome appellativo? Falla o Sagrado Texto da poſteridade fecundiſſima das duas Tribus de Judá, e de Simeaõ, e diz, que foraõ ſeus deſcendentes o que fez parar o Sol, Mendacio, Seguro, e Abrazador, que foraõ Principes em Moab: *Et qui ſtare fecit Solem, virique Mendacii, Securus, & Incendens, qui Principes fuerunt in Moab.* Naõ imagineis, que ſe deu eſte nome pela fecundidade de mentiras, que houveſſe na peſſoa, que o tinha; naõ, porque todos eſtes nomes ſaõ proprios, advertio a Lapide: *Omnia hæc ſunt nomina propria.* Sim, mas o que naquelle homem foy nome proprio, ſe fez appellativo pera os mentiroſos, porque tudo mereceraõ, e de tudo ſe fizeraõ dignos pela abominavel torrente das ſuas mentiras.

1. Par. 4. 22.

a Lapid. hic.

Pera fugir deſte nome appellativo, merecida nota de hum mentiroſo, chorou Avellino com muitas lagrimas aquella leviſſima mentira, que diſſe patrocinando a ſua parte. Tanto ſentio aquelle deſcuido, que pera de todo ſe eſquecer delle, entrou na pertençaõ de ſer outro homem differente do que havia ſido. E como podia Avellino ſer outro homem? Por ventura naõ era ſempre o meſmo homem, que havia

ſido, quando mentio? Parece, que ſim. Logo como podia ſer outro homem differente do que havia ſido? Direy. Os mentiroſos naõ ſaõ homens, ainda que vos pareça que o ſaõ. Saõ huns fantaſmas da humanidade, ſaõ humas ſombras da racionalidade, ſaõ huns corpos apparentes, vãos, e imaginarios, porque pelo vicio da mentira deixaraõ o ſer de homens, que antecedentemente tiveraõ. Vejaõ agora os antipodas da verdade, qual he o effeito, que lhes cauſa o ſeu amor à mentira! O que pudera ſer a mayor felicidade de S. Pedro, veyo a ſer o mayor motivo da ſua deſgraça. Achou-ſe na prizaõ de Chriſto, e ainda que ſeguio depois aos mais, naõ ha duvida, que naquelle primeiro impeto lembrado da promeſſa, que fizera, armado de brio, da razaõ, e da palavra, meteo maõ à eſpada, e moſtrou na ferida do Servo do Pontifice, que naõ eſtava taõ velho, que lhe faltaſſem forças pera deſaggravar a ſeu Meſtre: *Abſcidit auriculam ejus.* Foy ſeguindo de longe a Chriſto, e entrando no atrio do Principe dos Sacerdotes, pera reparar o frio ſe chegou pera o fogo, aonde ſendo viſto, e perguntado ſe era Diſcipulo de Chriſto, affirmou, que o naõ conhecia: *Non novi illum.* Dahi a pouco eſpaço veyo outro naõ menos tentador, que o primeiro, e fazendo a meſma pergunta, lhe reſpondeo Pedro, que elle naõ era homem: *O Homo non ſum*; mais claro Santo Ambroſio: *O homo non ſum ego.* Que he iſto? Pedro naõ he homem? Naõ; perdeo o ſer de homem, porque faltou à verdade.

Luc. 22.

Lib. 10. in Luc. cap. 22.

dade. Deixou de ſer o que era, e parecia o que naõ era: parecia homem, e naõ era homem: *O homo non ſum ego.* Naõ ſe imagine, que me falta Expoſitor, que me apadrinhe o penſamento, e naõ he menos que Santo Ambroſio, hum dos Doutores da Igreja Latina. Diz elle aſſim explicando eſte lugar de S. Lucas: *Maluit videlicet ſe negare, quam Chriſtum, aut quia videbatur negare Chriſti ſocietatem, utique ſe negavit.* Mais ſe quiz Pedro negar a ſi meſmo, do que negar a Chriſto, mas vendo, que negava ſer Diſcipulo de Chriſto, teve por melhor o negar-ſe a ſi. Conſiderou Pedro o grande crime, que commettera negando ſer Diſcipulo do Meſtre injuſta, eindignamente prezo, e afrontado, e entendeo, que quem cahira em erro taõ enorme, e taõ eſcandaloſo, naõ era homem: por iſſo dizia, que naõ era homem, porque no crime, que commetteo, perdeo o ſer, que tivera de homem: *O homo non ſum ego, utique ſe negavit.*

Taõ vivamente ſentio Avellino a mentira cortezãa, que huma vez diſſe, que aborrecendo, e deteſtando o homem, que fora, quiz ſer outro homem differente. Soube deſcobrir o ſeu arrependimento huma fineza taõ rara, e taõ nova, que ſó a podia deſcobrir hum Avellino, que pela penitencia de huma leve mentira chegou a ſer muito mais do que homem. Sempre reparey na mudança, que fez Avellino do ſeu nome, quando pizadas as eſperanças do Mundo, entrou na Congregaçaõ Theatina. He certo, que chamando-ſe antes Lancelloto, temeu o nome

nome de André pelo grande amor, que tinha à Cruz de Chriſto. Naõ duvido, que foſſe eſta huma das razoens, que o poderiaõ obrigar àquella mudança; mas eu agora vendo a Avellino taõ altamente arrependido da mentira, que diſſe, entendo, que mudou o nome pera ſe eſquecer de todo do homem, que havia mentido. Quem ouviſſe nomear a Lancelloto, poderia dizer: aquelle he o homem, que mentio em hum publico Tribunal. Pois naõ, mude eſſe nome, chame-ſe André, porque deſta ſorte naõ haverá memoria nem da ſua mentira, nem do ſeu erro, nem da ſua culpa, nem do ſeu delicto. Bom texto. ſe me naõ engana a felicidade de o deſcobrir.

Gen. 32. 27. 28.

Perguntou Deos a Jacob como ſe chamava: *Quod nomen eſt tibi?* Reſpondeo, que o ſeu nome era Jacob: *Reſpondit Jacob.* Ouvido o ſeu nome, lhe diſſe Deos eſtas notaveis palavras: *Nequaquam, inquit, Jacob appellabitur nomen tuum.* Sabe Jacob que naõ quero de nenhuma ſorte, que de hoje por diante uſes mais deſſe nome. E porque? Se com eſte nome mereceo Jacob grandes favores do Ceo, como fallar com os Anjos, e lutar com huma peſſoa, que representava o futuro Meſſias, que razaõ póde haver pera que Deos lhe prohiba o nome, que ſempre teve, e de que uſou atégora? Reparay, e conhecereis o myſterio deſta ordem divina. Que ſignifica o nome de Jacob? He o meſmo, que enganador, e o que diz huma couſa por outra, como fazem os mentiroſos: *Jacob, ideſt,*

Jup-

ſupplantator, *decipiens*. Pois diz Deos; naõ quero que uſes de hum nome, que eſtá lembrando enganos: chamate Iſrael, porque naõ he juſto, que hum homem, que ha de ſer Santo, uſe de hum nome, que ſeja o memorial de enganos: *Nequaquam Jacob appellabitur nomen tuum*, *ſed Iſrael*. Voltemos agora pera Avellino. Tanto lhe aborreceo huma leve mentira, que diſſe, que do modo poſſivel naõ quiz ſer o meſmo homem, que havia ſido. Por iſſo deixou o nome, que tivera de Lancelloto, porque elle lhe eſtava lembrando a ſua culpa: mas pera ſe ver, que em tudo excedia Avellino a ſemelhança de homem: *Et vos ſimiles hominibus*, excedeo tanto a Jacob, que pera eſte deixar o nome de enganador, *Jacob*, *id eſt ſupplantator*, *decipiens*, teve ordem poſitiva de Deos: *Nequaquam Jacob appellabitur nomen tuum*; e Avellino pera credito do ſeu arrependimento, e do ſeu exceſſo, deixou o nome antigo de Lancelloto pelo novo de André ſem mais ordem, e ſem mais preceito, que o ſeu conhecimento, e o ſeu deſengano.

Agora vejo, Sacramentado Senhor, a juſti[illegible]a razaõ com que aſſiſtis hoje na mageſtade deſſe Throno ao voſſo fiel Servo André Avellino. Vós, Senhor, pareceis paõ à noſſa viſta: *Hic eſt panis*; mas na realidade naõ ſois o que pareceis: *Non ſicut*, porque debaixo deſſes accidentes eſtá real, e verdadeiramente occulto o voſſo Corpo: *Corpus meum*, *caro mea*; e Avellino parecendo ſemelhante aos outros homens:

27 S108

homens: *Et vos ſimiles hominibus*, nõ he o que parece, porque he mais do que homem. Como eſſa Hoſtia antes das palavras da conſagraçaõ era paõ, depois de proferidas as meſmas palavras deixou de ſer o que era pera ſer o voſſo Corpo, tambem eſte voſſo Servo, ſendo em outro tempo Lancelloto, he agora André Avellino, porque deixou de ſer o que era, pera ſe melhorar no que he. A hum homem, que tanto aborreceo a mentira, e que tanto amou a verdade, era naõ ſó de razaõ, ſenaõ de juſtiça, que lhe authorizaſeis a ſua ſolemnidade com a voſſa preſença Sacramentada, porque ſois o Myſterio Auguſtiſſimo da verdade: *Verè eſt, verè eſt.* E vós, glorioſo Avellino, alcançainos pera todos os que vivemos neſte triſte, e tenebroſo valle de mentiras, aquelle amor, que tiveſtes à verdade, porque amando a verdade, amaremos a Deos, amando a Deos, obſervaremos os ſeus preceitos, e obſervando os ſeus preceitos, alcançaremos o premio da ſua gloria.

F I M.

BIBLIOTECA
5
ABR
41
2.833